

Só o governo... dívida externa

por Milton Coelho da Graça
de Washington
(Continuação da 1º página)

insuficiente para uma batalha final contra esse grande inimigo e que, por isso, ele prefere confiar na guerrilha diária, em pequenas vitórias que, somadas, restarem a estabilidade monetária em algum momento no futuro, certamente mais distante do que suas previsões otimistas há um ou dois anos.

Em relação aos juros internacionais, Delfim está otimista. Ele acredita que os grandes bancos sofrem hoje "uma certa inibição" decorrente de todo o debate sobre o assunto e que eles já não têm a mesma desenvoltura do passado, "quando um puxava e os outros iam atrás". O seu receio maior é de uma queda no

ritmo da recuperação econômica dos Estados Unidos e dos outros países industrializados. "Isso seria pior do que aumento de juros", afirma o ministro.

Depois da conversa com este jornal, Delfim, acompanhado apenas pelo seu chefe de gabinete, Sérgio Faria Lemos, fez a habitual ronda das livrarias e, ao meio-dia, chegou ao Fundo Monetário International, onde almoçou com Jacques de Larosière, diretor geral do FMI. Depois, viajou para Nova York.

Esse encontro encerra a fase preparatória da renegociação, que começa "oficialmente" amanhã, quando o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, encontrará o presidente do Comitê Assessor dos bancos credores do Brasil, William Rhodes.

GAZETTA DA SERRA

2 AGO 1984

Só o governo dívida na renegociação

por Milton Coelho da Graça
de Washington

"Como diz o doutor Aureliano, eu não raciocino sobre hipóteses."

O tom e a expressão são respeitosos, mas, tratando-se do ministro Delfim Netto — cujo escritório consiste principalmente em levantar e testar hipóteses —, a ironia está implícita em sua frase.

A pergunta deste jornal, durante uma conversa com o ministro, ontem pela manhã, em seu apartamento no hotel Hay James, em Washington, procurava saber se ele tem a intenção de manter os candidatos presidenciais informados sobre o andamento da nova renegociação da dívida externa.

A primeira resposta é peremptória, fulminante: "Esta renegociação será feita exclusivamente pelo governo Figueiredo". O jornal lembra a conversa de duas horas que ele teve com o candidato Tancredo Neves, na casa de Sebastião Drummond, no Rio. Delfim impavidamente volta a desmentir que esse encontro tenha ocorrido, sem se importar com as muitas versões que o confirmam.

"Mas vamos admitir, ministro, que o encontro tivesse ocorrido ou venha a ocorrer. Neste caso, um dos temas seria a renegociação da dívida?", insiste este jornal. E aí ele dispara a farpa que encerra o assunto.

Para Delfim, não há necessidade de incorporar a

oposição ao processo de renegociação, nem mesmo mantê-la informada. E a norma aplica-se também ao candidato do PDS. O atual governo, segundo o ministro do Planejamento, quer entregar ao sucessor a questão da dívida externa equacionada por um período de três ou cinco anos.

"Precisamos vencer a lombada de 1988 e 1989", explica Delfim, referindo-se ao acúmulo de compromissos nesses dois anos, que chegam a quase US\$ 60 bilhões. Fora isso, ele acha que o futuro governo receberá o problema encaminhado com juros e comissões menores, prazo de pagamento e carência maiores. Delfim confia em que a renegociação será rápida, sem maiores problemas, porque todos os objetivos do ajustamento estão sendo atingidos.

Menos a inflação, reconhece. Ele enfrenta a questão com a ambiguidade da incerteza. A vitória contra a inflação será lenta, explica, "porque o problema está preso numa arapuca, a correção monetária". Em tom de quase queixa, ele afirma que as pessoas interpretam os índices menais de inflação "como um sinal para aumentar imediatamente os preços na mesma proporção".

Mas, ao mesmo tempo, reage à idéia de uma desindexação cirúrgica. "Os efeitos negativos seriam muitos", argumenta. E deixa no ar a impressão de que o seu arsenal é

(Continua na página 3)